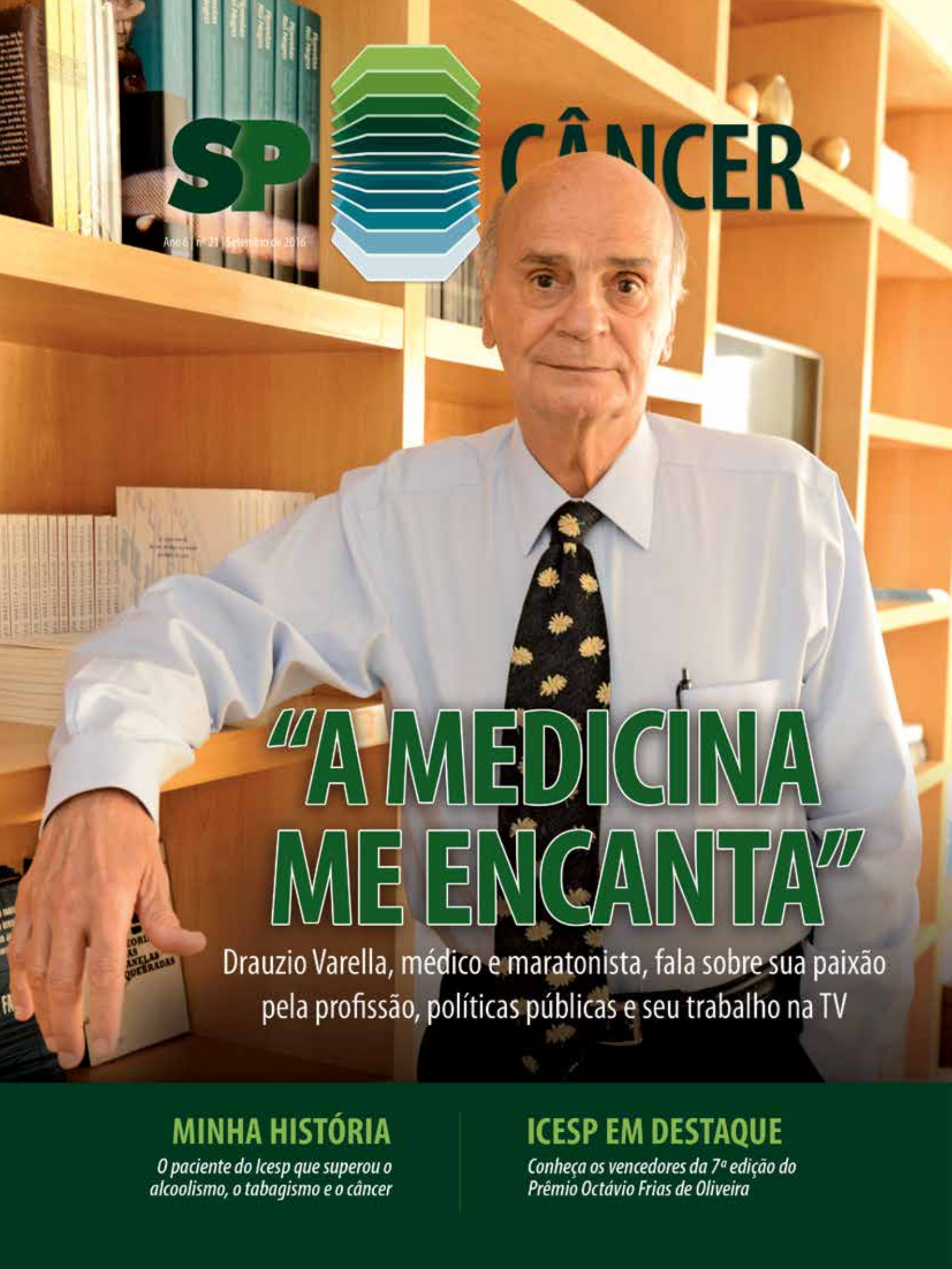




SP

Ano 6 | nº 21 | Setembro de 2016

CÂNCER

"A MEDICINA ME ENCANTA"

Drauzio Varella, médico e maratonista, fala sobre sua paixão pela profissão, políticas públicas e seu trabalho na TV

MINHA HISTÓRIA

O paciente do Icesp que superou o alcoolismo, o tabagismo e o câncer

ICESP EM DESTAQUE

Conheça os vencedores da 7ª edição do Prêmio Octávio Frias de Oliveira

PAIXÃO PELA MEDICINA



Fazer Medicina com paixão é a alma dos profissionais que atuam no Icesp, e também do oncologista Drauzio Varella, destaque desta nova edição da SP Câncer.

Na entrevista, ele diz que decidiu ser médico ainda quando criança, conta como se deu a sua aproximação com a mídia e, principalmente, a televisão e opina sobre políticas públicas e a polêmica da fosfoetanolamina sintética, que

começou a ser testada em pacientes do Icesp recentemente, em uma pesquisa inédita.

Uma reportagem especial conta a história e a importância do Prêmio Octavio Frias de Oliveira, promovido pelo Icesp em parceria com o jornal Folha de S. Paulo para incentivar e reconhecer bons projetos no combate ao câncer.

Você vai conhecer também a história de 30 anos da Fundação Faculdade de Medicina, instituição que é responsável pela implantação e gestão do Icesp desde sua inauguração, em 2008.

Temos ainda uma matéria sobre o sucesso do nosso programa de Residência Médica, avaliado como um dos melhores do mundo, além do comovente relato de um paciente que superou o câncer depois de ter vencido a luta para largar as bebidas e o cigarro. Boa leitura.

Paulo M. Hoff — diretor geral do Instituto do Câncer do Estado de São Paulo Octavio Frias de Oliveira.

BATE-PAPO DRAUZIO VARELLA FALA SOBRE PAIXÃO PELA MEDICINA, SEU TRABALHO NA TV E MUITO MAIS	04
PREVENÇÃO CUIDADOS PARA EVITAR O CÂNCER DE COLO DO ÚTERO	08
ICESP EM DESTAQUE OS VENCEDORES DO PRÊMIO PRÊMIO OCTAVIO FRIAS DE OLIVEIRA QUE FAZEM A DIFERENÇA NO COMBATE AO CÂNCER	10
HUMANIZAÇÃO GRUPOS MUSICAIS TRANSFORMAM O DIA DOS PACIENTES E DE SEUS FAMILIARES NO ICESP	14
EM FOCO PROGRAMA DE RESIDÊNCIA MÉDICA DO ICESP É RECONHECIDO INTERNACIONALMENTE	16
EM FOCO FUNDAÇÃO FACULDADE DE MEDICINA É RESPONSÁVEL PELA IMPLANTAÇÃO E GESTÃO DO ICESP DESDE 2008	18
MINHA HISTÓRIA PACIENTE DO ICESP SUPERA DEPENDÊNCIA EM ÁLCOOL E DROGAS E TAMBÉM O CÂNCER	20
RECEITA A RECEITA DESTA EDIÇÃO: CREME DE BATATA-DOCE COM ALHO-PORÓ	23

Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo
Diretor – José Otávio Costa Auler Júnior

Fundação Faculdade de Medicina
Diretor Geral – Flávio Fava de Moraes

Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP
Diretora Clínica – Eloísa Silva Dutra de Olivera Bonfá
Superintendente – Antonio José Pereira

Instituto do Câncer do Estado de São Paulo Octavio Frias de Oliveira
Presidente do Conselho Diretor – Roger Chammas
Diretor Geral – Paulo Marcelo Gehm Hoff
Diretora Executiva – Joyce Chacon Fernandes
Diretora Administrativa – Denise Barbosa Henriques Kerr
Diretora Geral de Assistência – Wânia Regina Mollo Baia
Diretora Financeira, Planejamento e Controle – Ricardo Mongold
Diretor de Operações e Tecnologia da Informação – Kaio Jia Bin
Diretor de Engenharia Clínica e Infraestrutura – José Eduardo Lopes Silva
Gerente de Comunicação e Jornalista Responsável – Thaís Mirotti França

Endereço: Av. Dr. Arnaldo, 251, Cerqueira César, São Paulo/SP
Cep 01246-000
Telefone: +55 11 3893-2000
Site: www.icesp.org.br
Ctp, impressão e acabamento – Gráfica Maistype

INSTITUTO DO CÂNCER DO ESTADO DE SÃO PAULO OCTAVIO FRIAS DE OLIVEIRA

HC 70+30

FUNDAÇÃO FACULDADE DE MEDICINA

MEDICINA USP

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

DEDICAÇÃO E AMOR PELA MEDICINA

INSERINDO A COMUNICAÇÃO EM SUA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL, O MÉDICO
DRAUZIO VARELLA ACREDITA NO TRABALHO INTENSO DE PREVENÇÃO E NAS
CAMPANHAS DE CONSCIENTIZAÇÃO PARA A REDUÇÃO DA INCIDÊNCIA DE
CÂNCER E MELHORA DA QUALIDADE DE VIDA DA POPULAÇÃO

É com a voz mansa e ideias firmes que um dos maiores e mais renomados médicos do país encanta, de imediato, qualquer um que converse com ele. A carreira de Drauzio Varella é extensa e a diversidade com que atua dentro de sua área chama a atenção.

Aos 73 anos de idade e 44 de medicina, o Dr. Drauzio, como é conhecido pela maioria das pessoas, cuida de pacientes oncológicos, de detentas na Penitenciária Feminina do Estado e de milhões de brasileiros que o assistem na televisão, abordando os assuntos de saúde mais diversos.

"As pessoas me param no elevador, no

supermercado, na rua e até em banheiros para tirarem algum tipo de dúvida", diverte-se.

Apesar da rotina intensa, o médico ainda tem tempo para uma de suas maiores paixões: a corrida. Por semana, são três dias de treino com uma média de 15km cada. Ficou cansado, caro leitor? Não fique, nos demais dias ele sobe e desce escadas.

É com essa vivacidade e muita história para contar que Drauzio Varella recebeu a equipe da SP Câncer para uma conversa esclarecedora sobre saúde pública, pesquisa clínica e os entraves que a área enfrenta para avançar no país.

*"As pessoas
me param no
elevador, no
supermercado,
na rua e até em
banheiros para
tirarem algum
tipo de dúvida"*

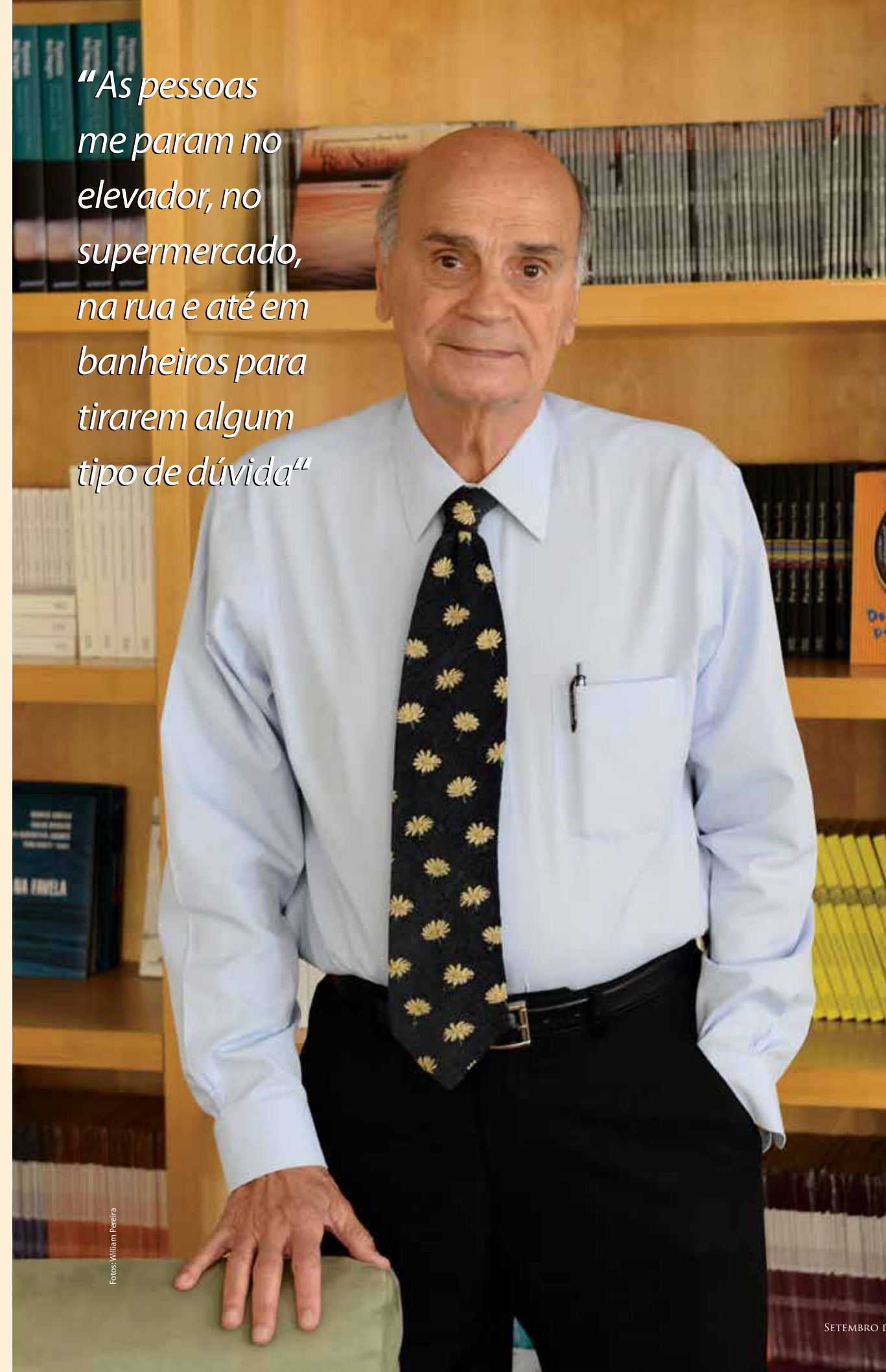


Foto: William Pereira

SP Câncer — *Ser médico sempre foi a primeira opção da sua vida? Como se deu essa escolha?*

Drauzio Varella — Desde criança. Me formei na USP em Medicina e minha opção era fazer saúde pública e ser sanitarista, mas naquela época a carreira ainda estava em processo de estruturação e o salário era muito baixo. Fiquei um tempo meio perdido nas escolhas e um amigo meu me convidou para trabalhar com moléstias infecciosas. Um dia dei uma aula no Hospital do Câncer e me apaixonei. Nunca mais sai da área.

SP Câncer — *O sr. alia a profissão de médico com a de comunicador e as pessoas ouvem e fazem o que recomenda o Dr. Drauzio. Como isso surgiu na sua carreira?*

Drauzio Varella — Foi graças ao jornalista Fernando Vieira de Mello. Ele dirigia na época o jornalismo da rádio Jovem Pan. Em 1985 eu tinha voltado de um congresso de Aids e fiquei impressionado e preocupado em como a doença estava se espalhando. Um dia, o Fernando me convidou para falar sobre o tema na rádio. A entrevista, que era para ser somente um dia, foi dividida em pedaços e virou como se fosse uma série sobre o tema. Confesso que não fiquei muito feliz com isso porque médico naquela época não queria aparecer. Ele me convenceu de que aquilo era um serviço muito bom para a população. A partir daí começamos a gravar pequenas mensagens sobre o tema.

Logo depois fui para a Rádio 89 FM, com mensagens dirigidas ao público jovem. Em 1999, a Rede Globo começou a exibir uma série da BBC sobre o corpo humano, e me convidaram para apresentar o quadro. As imagens eram lindas e fiquei encantado com o conteúdo. Aceitei o desafio e a série foi um sucesso absoluto, exibida no Fantástico. Estou há 17 anos trabalhando com televisão e acredito que é um ótimo serviço para a população.

SP Câncer — *Existe um canal seu no YouTube que é um sucesso, com quase 230 mil inscritos, onde aborda temas de saúde de uma maneira geral. Como é essa experiência de comunicar nas redes sociais? O retorno das pessoas é diferente do da televisão?*

Drauzio Varella — Na TV o retorno é na rua, de todos os tipos de pessoas, mesmo. Na internet, o retorno é diferente. A informação vem por vias não identificáveis, muitas vezes. A informação não passa por nenhum crivo, o que também pode ser perigoso e a internet vira o refúgio dos canalhas, em algumas vezes. Por outro lado, ela nos traz tudo numa rapidez e variedade impressionantes.



SP Câncer — *Nos últimos meses muito se falou sobre a fosfoetanolamina e a ansiedade da sociedade em obter, a qualquer custo, um suposto medicamento que é a cura do câncer, mas que nunca passou por testes em humanos. Como avalia esse tipo de comportamento?*

Drauzio Varella — Tenho 44 anos de oncologia e já vi dezenas desses produtos milagrosos que curam o câncer. Mas a fosfoetanolomina parece que foi mais sério. Meus pacientes começaram a me perguntar sobre isso, a quererem tomar essa substância. Não se pode ser conivente com algo preparado em laboratório, sem nenhum controle de qualidade, sem testes. É preciso haver controle. O que o Icesp está fazendo, assumindo para si a responsável missão de testar a substância em humanos, é corretíssimo. Temos que saber se existe algum efeito na doença. Pode até ser que seja útil em alguma situação específica, mas é preciso se comprovar a eficácia.

SP Câncer — *As pesquisas clínicas no Brasil ainda têm muito a avançar. Na sua opinião, o que ocorre que retarda tanto a aprovação de estudos clínicos pelos órgãos regulamentadores?*

Drauzio Varella — Vejo muitos colegas meus da área reclamando das instâncias oficiais, principalmente com relação à demora, a morosidade, que é algo absurdo. Em outros países, em dois ou três meses se tem a aprovação de um estudo. Aqui levamos mais de um

“Estou há 17 anos trabalhando com televisão e acredito que é um ótimo serviço para a população”

ano, por vezes. Isso faz com que os pesquisadores até desistam, muitas vezes, de levar o estudo a diante. A pesquisa é algo fundamental, principalmente, para a população. Pessoas que participam de estudos científicos em oncologia, por vezes vivem mais e melhor, pois são drogas muito modernas. Todos ganham, em especial os pacientes. Entretanto, temos um órgão regulador que trava e dificulta tudo isso.

SP Câncer — *Se o sistema de saúde trabalhasse bem a prevenção primária, conseguiríamos reduzir um pouco a incidência de câncer?*

Drauzio Varella — Não tenho dúvida disso. Para se ter uma idéia, a cada três casos de câncer, um é provocado pelo cigarro. Se conseguíssemos que a população parasse de fumar e evitássemos que os jovens iniciassem o vício, logo de cara já cortaríamos 30% dos casos de câncer. Mesmo os cânceres que não conseguimos fazer prevenção, podem ser diagnosticados precocemente. Outros fatores causadores da doença e altamente preveníveis, são a obesidade e a vida sedentária. É claro que avançamos muito com campanhas e a conscientização das pessoas, mas precisamos melhorar.

SP Câncer — *O sr. é um excelente maratonista. Como surgiu esse gosto pela corrida?*

Drauzio Varella — Minha geração fumava e fui fumante por muitos anos. Parei de fumar, mas não tinha uma vida muito ativa. Quando fiz 50 anos, decidi que faria uma maratona. Foi um autodesafio. Em 1993 corri minha primeira competição, em Nova York. Depois disso,

nunca mais parei. Corro de três a quatro vezes por semana, uma média de 15 km.

SP Câncer — *Na sua opinião, as pessoas ainda são muito deficientes de informação em saúde?*

Drauzio Varella — Muito. A saúde deveria ser disseminada no ensino primário, desde sempre. Há um desinteresse pelo corpo humano e por isso também temos tantos problemas de saúde, justamente por essa falta de informação e por não ficarmos atentos a sinais básicos que nosso organismo nos dá.

SP Câncer — *No passado, a população encarava o câncer como uma sentença de morte. Acredita que hoje enfrentam melhor a doença?*

Drauzio Varella — Mudou muito. Antigamente os familiares não queriam que o doente ficasse sabendo do diagnóstico, era uma sentença de morte. Hoje em dia mudou. Muitos dos hospitais especializados levam a palavra câncer no seus nomes. Atualmente as pessoas aceitam melhor, sabendo é uma doença grave, porém tratável.

SP Câncer — *O que acha que avançou em termos de políticas públicas no Brasil para tratamento e prevenção do câncer?*

Drauzio Varella — Mudou muito nos últimos anos. Mamografia, por exemplo, se tornou mais acessível para as mulheres. O que ocorre é que temos uma tendência de menosprezar o serviço público de saúde no Brasil, esquecendo tudo o que já foi feito. Isso é um erro enorme. Claro que temos muitos problemas, mas evoluímos bastante. Não tínhamos saúde pública antigamente. Existiam apenas dois serviços de referencia, que era o Hospital das Clínicas da FMUSP e a Santa Casa. Hoje damos assistência para muitas pessoas, com incríveis ilhas de excelência em várias áreas. O Icesp é um exemplo disso.

SP Câncer — *O sr. é cancerologista mas também cuidou de presos com Aids no auge da epidemia da doença. Como isso impactou na sua vida profissional e pessoal?*

Drauzio Varella — Comecei esse trabalho em 1989, no Carandiru. Fiquei lá até 2002 e fui para a Penitenciária do Estado e depois para a Penitenciária Feminina, que é onde estou até hoje. Faço esse trabalho uma vez por semana, cuidando e orientando essas pessoas. Para mim, durante todos esses anos, tem sido uma experiência definitiva. Adquiri uma visão da sociedade e do Brasil muito impactante, conhecendo as pessoas nas entranhas. ■

O PERIGO DO HPV

CONHEÇA OS CUIDADOS PARA EVITAR O CÂNCER DE COLO DO ÚTERO

De um lado, meninas entre 9 e 13 anos. De outro, mulheres de 40 a 49 anos. Distanciavam-se pela diferença de idade, mas conectam-se por um importante assunto de saúde pública para ambos os grupos: o papilomavírus humano (HPV), um dos principais fatores relacionados ao câncer de colo do útero.

As adolescentes compõem o público-alvo da vacinação contra o HPV estabelecido pelo Programa Nacional de Imunizações do Ministério da Saúde, que também prevê doses a portadoras de HIV com idade entre 9 e 26 anos pelo SUS (Sistema Único de Saúde). O objetivo é alcançar as jovens antes do início da vida sexualmente ativa como prevenção, uma vez que a transmissão do vírus ocorre por contatos entre peles e mucosas infectadas. Para as soropositivas, o risco de desenvolvimento de tumores associados ao HPV é maior, conforme o grau de imunossupressão.

Já as mulheres com 40 anos ou mais se enquadram na faixa etária de maior comprometimento pelo câncer de colo uterino. No Icesp, por exemplo, cerca de 25% das pacientes atendidas com esse tipo de câncer têm entre 40 e 49 anos. Outras 24% estão na faixa de 50 a 59 anos.

O HPV penetra o corpo humano e infecta as células gradativamente. Raramente as infecções causam sinais aparentes e, por isso, nem sempre são percebidas, segundo Luisa Lina Villa, bióloga, pesquisadora e chefe do laboratório de Biologia Molecular do Centro de Investigação Translacional em Oncologia do Icesp.

Villa explica que as consequências da infecção variam conforme os tipos do vírus: 6 e 11 são classificados como de baixo risco e geralmente causam verrugas genitais. Já a infecção pelos tipos 16 e 18 pode contribuir para o surgimento de lesões que precedem o câncer nas regiões genital, anal e oral de homens e mulheres. “Na maioria dos indivíduos, as infecções são eliminadas pelo sistema imune, sem dar qualquer sinal ou promover o aparecimento de qualquer lesão. No entanto, para 30% da população que se infecta com HPV de baixo risco poderão surgir verrugas, em um período que varia de algumas semanas a seis meses”, diz.

No caso das infecções por HPV de alto risco, poderão

aparecer lesões precursoras de câncer, em períodos que variam de alguns meses a alguns anos, mas raramente chegam a causar câncer. Estes, em geral, surgem entre 10 e 20 anos após a infecção pelos HPVs de alto risco oncogênico. A vacina aplicada na rede pública de saúde do Brasil é quadrivalente e protege contra os quatro tipos citados.

Já as evidências do câncer de colo uterino dependem do estágio da doença, de acordo com a médica Maria Del Pilar Estevez Diz, coordenadora da Oncologia Clínica do Icesp. “Na medida em que progride, as mulheres podem ter sangramento e dor, principalmente na relação sexual e, posteriormente, dor o tempo todo e dificuldades para urinar e evacuar. Quanto mais precoce o diagnóstico, menos sintomas vão existir”, ressalta.

O rastreamento de lesões no colo do útero é feito por meio do Papanicolaou, exame que deve ser feito anual e preventivamente para a detecção precoce. É indicado para toda mulher que tem ou teve vida sexual e pode ser feito pelo SUS (Sistema Único de Saúde).

A cada ano, no mundo, ocorrem 500 mil casos novos de câncer do colo do útero e cerca de 30 milhões de casos novos de



Maria Del Pilar Estevez Diz, coordenadora da Oncologia Clínica do Icesp



Luisa Lina Villa, chefe do laboratório de Biologia Molecular do Centro de Investigação Translacional em Oncologia do Icesp



GAROTAS DE 9 A 13 ANOS DEVEM TOMAR DUAS DOSES DA VACINA CONTRA HPV, COM UM INTERVALO DE SEIS MESES ENTRE ELAS; JÁ AS DE 9 A 26 ANOS QUE VIVEM COM HIV DEVEM UTILIZAR TRÊS DOSES, SENDO A SEGUNDA DEPOIS DE DOIS MESES E, A TERCEIRA, APÓS SEIS MESES DA PRIMEIRA APLICAÇÃO.

verrugas genitais — metade em homens e metade em mulheres. Tanto mulheres quanto homens estão sob risco de se infectar ao longo da vida, com chance de 80%.

TRATAMENTO

De acordo com Estevez Diz, nas fases iniciais, o tratamento do câncer consiste na retirada de uma parte do colo do útero; à medida que avança, pode ser necessário retirá-lo completamente e, às vezes, os ovários e linfonodos da pelve, além da possível indicação de radioterapia e quimioterapia. Após tratamento inicial, as pacientes devem fazer acompanhamento de rotina, com exames ginecológicos para tratamento célere, caso seja detectada uma nova lesão.

O impacto do câncer do colo uterino ultrapassa a questão biológica e física. “Por afetar uma região diretamente envolvida na relação sexual, existe muito preconceito, dúvida e, como há dor e dificuldade no ato sexual, pode comprometer a vida conjugal e até mesmo afetar a capacidade reprodutiva, devido ao tratamento cirúrgico ou de radioterapia e quimioterapia. O diagnóstico precoce é muito importante para que haja o menor impacto emocional e físico nessas pacientes”, diz a médica. Para um atendimento integral, o Icesp conta com equipe multidisciplinar, com oncologistas clínicos, ginecologistas especializados em câncer, fisioterapeutas, psicólogos e outros profissionais aptos a auxiliá-las no decorrer do tratamento e na fase de recuperação.

A vacina contra o HPV é a forma mais eficaz de prevenção. Luisa Lina Villa destaca os benefícios da imunização: “todos deveriam ser a favor de vacinar para proteger seus filhos e familiares dos cânceres causados por HPV, além das verrugas genitais e anais, altamente infecciosas e de tratamento difícil e muito incomodo e até doloroso”. ■



OS VENCEDORES DO PRÊMIO OCTAVIO FRIAS DE OLIVEIRA FAZEM A DIFERENÇA NO TRATAMENTO E COMBATE AO CÂNCER

O médico Aristides Pereira Maltez Filho, 83, recebe na Liga Bahiana contra o Câncer (LBCC) 3.500 pessoas todos os dias. São pacientes carentes vindos de todos os cantos do país que sofrem com a doença e chegam ao hospital procurando por tratamento gratuito. A unidade oferece cuidados paliativos, radioterapia e assistência domiciliar. O local foi fundado em 1936 pelo pai do médico, Aristides Maltez, que queria prestar assistência às mulheres que sofriam com câncer de colo de útero. Aristides foi um dos homenageados na sétima edição do Prêmio Octavio Frias de Oliveira, organizado pelo Icesp em parceria com o jornal Folha de S. Paulo, na categoria "Personalidade em Destaque". O presidente da LBCC lembra que a população mais carente precisa de uma via de acesso ao tratamento.

"Uma pessoa com câncer que viajou centenas de quilômetros padecendo com a doença em estágio avançado nem sempre tem condições de retornar. Em nossa entidade, quem chegar com um laudo positivo já tem o passaporte para entrar no hospital", explica. Aristides diz que além do financiamento que eles recebem por meio do Estado, a sociedade baiana dá um grande suporte oferecendo doações e realizando campanhas.

PREMIAÇÃO

A saliva de pacientes com câncer de boca pode ser utilizada para diagnosticar a doença precocemente e ajudar o médico na decisão do tipo de tratamento que será adotado. Esse estudo brasileiro, publicado na revista "Scientific Reports", do grupo Nature, venceu a categoria "Pesquisa em Oncologia".

Pesquisadores do Laboratório Nacional de Biociência (LNBio), do Centro Nacional de Pesquisa em Energia e Materiais (Cnpem), da Faculdade de Odontologia da Unicamp e do Icesp, analisaram um grupo de proteínas presentes na saliva em três grupos: o primeiro com lesão ativa do câncer oral, o segundo sem lesão ativa após cirurgia e o terceiro em pessoas saudáveis. Chegou-se à conclusão de que quando a proteína denominada PPIA surgia em menor quantidade, tratava-se de um pior diagnóstico da doença.

ELES SÃO FERAS!



Adriana Franco Paes Leme, coordenadora do estudo, explica que com a descoberta é possível definir se uma pessoa precisará de um tratamento mais agressivo. “O paciente já tem a doença, mas se a gente for capaz de oferecer um kit que demonstra que tipo de câncer uma pessoa vai ter, a sobrevida dela vai aumentar muito”, diz a pesquisadora.

A categoria “Inovação Tecnológica” premiou a pesquisa do Instituto Butantan que utiliza o gene da glândula salivar do carrapato-estrela (*Amblyoma cajannense*) para desenvolver um medicamento que seleciona células antitumorais. Essa substância foi capaz de inibir a proliferação de 23 linhagens de células tumorais humanas em testes *in vitro*. Os testes deste estudo em humanos estão previstos para o ano que vem.

NOVA VISÃO PARA A SAÚDE

Segundo Paulo Hoff, diretor-geral do Icesp, o Prêmio Octavio Frias de Oliveira traz grandes incentivos para o jovem investigador, que tem a oportunidade de apresentar a sua linha de pesquisa, concorrer a um prêmio em dinheiro e ganhar reconhecimento da comunidade científica. “Se pensarmos mais longe, quem se dedica ao tratamento desta doença também pode almejar o prêmio principal, “Personalidade em Destaque”, dado às pessoas que realmente modificaram o tratamento do câncer no país”, explica o oncologista.

Em 2016, o prêmio de destaque foi dado a Aristides Maltez Filho, que dedicou a sua vida ao tratamento filantrópico. Apesar de contar com recursos limitados, o médico conseguiu atender a população carente oferecendo de graça o tratamento da doença. “Já na área médica, premiamos a pesquisa que explora a fauna brasileira usando o veneno do carrapato, que ainda está em fase inicial. No entanto, é muito importante

vermos um produto brasileiro atingir esse estágio de desenvolvimento e trazer como promessa uma opção que pode ajudar a população desse país”, explica Hoff.

O SURGIMENTO DO PRÊMIO

Em 2009, o Grupo Folha procurou o Icesp para descobrir uma forma de colaborar com o instituto, cujo patrono era o publisher Octavio Frias de Oliveira, morto em 2007. O Conselho Diretor criou um prêmio que fosse realizado anualmente e que fizesse referência aos valores que o patrono prezava: persistência, que é uma característica que todo pesquisador deve ter, e homenagear pessoas que se dedicam a uma causa.

No primeiro ano do evento só existia a categoria Personalidade de Destaque, mas com o passar dos anos foram criadas novas premiações. Roger Chammas, presidente do Conselho Diretor do Icesp e coordenador do Centro Translacional de Pesquisa em Oncologia, diz que o prêmio é uma celebração para os profissionais que estão ajudando a escrever a história da oncologia em nosso país. “Percebemos que a direção que estamos tomando está certa. Estamos nos esforçando para que os nossos premiados tenham condições de tirar o seu trabalho da bancada, levando-o aos pacientes”, explica.

Chammas diz que o Icesp faz uma prospecção de novos estudos e o resultado é a percepção de que é necessário investimento continuado e a longo prazo. “O que tem acontecido ano a ano é que muitos trabalhos que concorrem têm grande destaque. O exame a partir da saliva não é invasivo e é muito simples de ser coletado. A gente ganha em acesso e nos dá a possibilidade de acompanhar a doença”, avalia. Segundo o presidente do conselho, é muito importante uma nova possibilidade de diagnóstico para ajudar no combate contra o câncer. ■

VENCEDORES 2016

O vencedor de cada categoria recebe R\$ 16 mil. Fazem parte da comissão julgadora representantes da Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), da Academia Nacional de Medicina e da Academia Brasileira de Ciências. Veja quais foram os vencedores de 2016:



CATEGORIA PERSONALIDADE DE DESTAQUE

Aristides Pereira Maltez Filho, presidente da Liga Baiana Contra o Câncer (LBCC) e presidente da Associação Brasileira de Instituições Filantrópicas de Combate ao Câncer (Abificc).



CATEGORIA PESQUISA EM ONCOLOGIA 2016

Adriana Franco Paes Leme, pesquisadora do Laboratório Nacional de Biociências (LNBio) do Centro Nacional de Pesquisa em Energia e Materiais (CNPEM), em Campinas



CATEGORIA INOVAÇÃO TECNOLÓGICA EM ONCOLOGIA 2016

Ana Marisa Chudzinski Tavassi, pesquisadora do Instituto Butantan

HUMANIZAÇÃO

Música para todos

GRUPOS MÚSICAIS TRANSFORMAM O DIA DOS PACIENTES

E DE SEUS FAMILIARES NO HOSPITAL

A vida dentro de um hospital não é nada fácil. A rotina de uma pessoa que faz tratamento e exames pode se tornar exaustiva, por isso a cultura de humanização, em todos os setores do Icesp, contribui para mudar esse cenário. Por meio da arte musical, por exemplo, voluntários procuram proporcionar um pouco mais de leveza durante um período que exige muito dos pacientes e dos familiares que o cercam.

Maria Helena Sponton, coordenadora de Humanização do Icesp, ressalta a importância da presença das ONGs trazendo arte para dentro do hospital. O Icesp conta com várias organizações, uma delas é a Associação Arte Despertar, que está no Icesp desde 2009, e tem em sua equipe arte educadores que contam histórias, tocam e cantam para os pacientes nos diferentes espaços como na UTI, Quimioterapia, Radioterapia, entre outros.

A arte possibilita o despertar da emoção e razão, aspectos culturais enriquecedores que aguçam olhares, pensamentos e ideias abrindo possibilidades para uma nova vida.

É também com a arte e elementos da cultura, que essa prática do cuidado a quem também cuida, visa colaborar na melhora do processo de humanização e inclusão social. A humanização é o caminho pelo qual as pessoas podem chegar a ser conscientes de si mesmas, de sua forma de atuar e de pensar, quando desenvolvem todas as suas capacidades. Daí a importância dessas ações na transformação da ambiência, melhora das relações, socialização cultural e na consequente melhora do bem estar físico e emocional das pessoas, inclusive dos colaboradores do Instituto.

Rosana Lambert relata de forma positiva a sua experiência com o grupo de música. "Eu estava no setor de radioterapia e ouvi a apresentação de um dos grupos. Comecei a cantar junto com eles e imediatamente pude sentir na pele como a música pode amenizar a dor do paciente", conta Rosana.

Após o contato com os grupos, passou a cantar voluntariamente no setor de radioterapia, onde teve a oportunidade de ajudar outros pacientes por meio da música.

"É incrível ver como as expressões dos rostos das pessoas ficam mais leves quando escutam essas canções. Essa experiência me deu a oportunidade de fazer algo pelos outros", afirma ela, que também é cantora.

A Associação Arte Despertar em sete anos, realizou mais de 45 mil atendimentos com pacientes, acompanhantes e profissionais de saúde. A entidade tem crescido cada vez mais e encara a arte como uma forma de expressão e comunicação, que auxilia na recuperação da história de vida e autoestima.

Para a fundadora da associação, Regina Vidigal Guarita, o trabalho é gratificante. Ela ressalta os frutos dessa ação para ajudar na recuperação do paciente. "Por meio da arte e da cultura, são realizadas intervenções que possibilitam que a pessoa em tratamento faça uma conexão com suas histórias e com o momento pelo qual está passando". Regina fala ainda que o resgate da autoestima é importante para melhoria da saúde do pacientes e, em relação aos acompanhantes e familiares, os vínculos afetivos, na maioria das vezes, são estreitados durante o tratamento.

A arte permite que os profissionais também se beneficiem da ação, amenizando o estresse e o cansaço. Dessa forma, as práticas artísticas e culturais são bem-vindas e fazem parte dos princípios da Política Nacional de Humanização, colaborando na boa experiência do paciente em um hospital da rede pública de saúde.

NOVIDADE

O Grupo Saracura está há pouco tempo no hospital e, apesar de ter começado a atuar no Icesp em meados em 2015, já é querido por todos. O grupo surgiu em 2005 e é composto de quatro músicos, que já trabalham em outras unidades de saúde de São Paulo.

Para o fundador do Grupo, Daniel Zacharias, a atividade é fundamental, uma vez que são criados laços de amizade entre os músicos e os frequentadores do hospital. "Com o passar do tempo, já sabemos as canções que eles mais gostam. E os pacientes também se sentem mais à vontade para pedir músicas que gostariam de ouvir", avalia.

Para Daniel, o principal objetivo do grupo é aliviar o estresse e o desconforto causado pelo ambiente hospitalar, além de melhorar o humor dos pacientes. A diferença é a aceitação dos tratamentos e melhora significativa na saúde. "O leque de reações é variado. Vão desde sorrisos, abraços, silêncios, choros de emoção e surpresa. Podemos constatar, durante as atuações, alterações da frequência cardíaca e aumento na saturação de oxigênio no sangue dos pacientes", conta o músico.

Frente a esse panorama desenvolvido no Icesp, podemos nos reportar ao filósofo e educador espanhol, Jorge Larrosa, que diz: "É experiência aquilo que nos passa, ou que nos toca, ou que nos acontece e, ao passar-nos, nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto a sua própria transformação". ■





ENTRE OS MELHORES DO MUNDO

PROGRAMA DE RESIDÊNCIA MÉDICA DO ICESP FORMA OS MAIS GABARITADOS ESPECIALISTAS EM CÂNCER DO BRASIL

Criado em 1998, o Programa de Residência Médica em Cancerologia Clínica da Faculdade de Medicina da USP, inicialmente desenvolvido no Instituto de Radiologia (InRad) do Hospital das Clínicas, passou a ser realizado no Instituto do Câncer do Estado de São Paulo (Icesp) uma década depois, em 2008.

Atualmente, a duração da residência médica é de três anos e são abertas anualmente 14 vagas/bolsas. Mais de 70 residentes já se formaram e, entre eles, está o atual vice-coordenador do programa, Daniel Fernandes Saragiotto. O ex-residente, formado em 2007, comemora a evolução e parte dos objetivos alcançados. “O processo como um todo tem sido muito positivo, pois a qualidade no ensino proporciona a boa formação de nossos residentes que, aliada ao crescimento físico e estrutural do serviço, permitiu a ampliação do programa, passando de dois residentes formados ao ano para quatorze”, diz Saragiotto.

Os residentes passam gradualmente por diferentes estágios tanto dentro do Icesp quanto em setores do Complexo do Hospital das Clínicas e do ambulatório do Icesp Osasco. Outro fator que contribui para a excelente formação dos residentes é o contato com profissionais de saúde e médicos de diversas especialidades, possibilitando o convívio e uma visão multidisciplinar do atendimento ao paciente.

AValiação INTERNACIONAL

Além disso, desde 2014, os médicos residentes matriculados no segundo e terceiro ano do Programa de Cancerologia Clínica são submetidos a um importante exame internacional da ASCO (*American Society of Clinical Oncology*/ Sociedade Americana de Oncologia Clínica). A avaliação é uma ferramenta fundamental para o corpo clínico docente do Icesp poder monitorar e analisar o conhecimento dos formandos, mantendo a consistência dos padrões educacionais e mapeando as dificuldades individuais. Participam deste exame mais de 200 programas de residência médica e quase dois mil profissionais de todo o mundo.

Já na primeira avaliação realizada pelos residentes do Icesp, em 2014, o programa da instituição foi classificado entre os vinte melhores do mundo. No ano seguinte, os residentes conseguiram um feito ainda mais surpreendente, ficando entre os cinco melhores programas de residência médica de Cancerologia Clínica do mundo.

Karla Souza, formada neste ano pelo Icesp e, atualmente, funcionária da instituição, colaborou nas duas oportunidades para o excelente desempenho dos residentes no exame internacional da ASCO. De acordo com a atual médica preceptora (tutora) dos residentes, era nítido o nervosismo, embora todos estivessem muito preparados. “Antes do exame, estávamos um pouco

ansiosos imaginando como seria a prova e preocupados em ter um bom resultado. Mas todos nós tínhamos plena consciência de que o programa de residência do Icesp é excelente, muito organizado e com as diretrizes de ensino muito bem definidas, o que nos tranquilizou para termos um bom desempenho”, relata Karla.

A avaliação da ASCO é aplicada por meio de uma plataforma digital, na qual participantes têm cinco horas para responder, em inglês, a 200 questões de múltipla escolha que abrangem 11 áreas de conhecimento no campo de Cancerologia Clínica.

Segundo Saragiotto, estar entre os cinco melhores do mundo não exige um preparo específico, pois o que é fundamental mesmo para a formação dos residentes é seguir o plano de ensino com os objetivos de cada estágio, com acompanhamento diário, a realização trimestral de provas teóricas e possibilitar aos residentes alcançarem um perfil de competência profissional que englobe quatro esferas: clínica, educação, gestão e pesquisa.

“É óbvio que atingirmos este resultado é um grande feito, mas considero que feitos muito mais importantes são vistos no dia a dia, quando vemos nossos residentes se dedicando à sua formação e estudo, sem deixar de lado o cuidado humanizado ao paciente oncológico. Os elogios que os residentes recebem dos pacientes e de seus familiares mostram que estão no caminho certo”, destaca Saragiotto.

A qualidade do programa de Residência do Icesp, que é referência no Brasil, fica ainda mais evidente quando estudantes de outros estados do país optam pela inscrição na instituição. Este é o caso da Maria Fernanda Vicentini, formada na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e, atualmente, residente em Cancerologia Clínica no Instituto.

“Escolhi o programa do Icesp, pois acreditava ser o melhor na minha área e, conversando com outros colegas, confirmei que a minha primeira opção, sem dúvida, seria o Icesp por sua excelência”, afirma Maria Fernanda, que ainda complementa: “sou do Rio de Janeiro e escolhi vir pra cá. Mas, apesar do frio de São Paulo e a distância da praia, não me arrependo em nenhum momento. Pelo contrário, estou cada dia mais impressionada com o programa que escolhi”.

Para ingressar no programa de Cancerologia Clínica do Icesp, o médico, após sua graduação, obrigatoriamente tem que ter completado dois anos em Clínica Médica e ainda precisa passar no concorrido processo seletivo de residência médica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), que envolve provas teóricas, práticas, análise de currículo e entrevista. “Anualmente temos mais de cem inscritos para um total de quatorze vagas e a concorrência tende a crescer cada vez mais com o ótimo trabalho que vem sendo desenvolvido aqui no Icesp”, conclui Saragiotto. ■

30 ANOS DE ASSISTÊNCIA, ENSINO E PESQUISA

FUNDAÇÃO FACULDADE DE MEDICINA É RESPONSÁVEL PELA

IMPLANTAÇÃO E GESTÃO DO ICESP DESDE 2008

Tudo começou com alunos que tinham como ideal ir além e fazer a diferença dentro e fora da faculdade. Foi então que o grupo de estudantes se reuniu para pensar em um projeto que teria como objetivo promover o ensino, a pesquisa e dar assistência na área da saúde.

Em setembro de 1986, foi criada a Fundação Faculdade de Medicina (FFM). A instituição está completando trinta anos e se tornou fundamental para o desenvolvimento da saúde pública no Estado.

A FFM é uma entidade privada, sem fins lucrativos, reconhecida por seu caráter filantrópico. Além de atuar com caráter fundacional, ela também é habilitada como Organização Social de Saúde, sendo uma das entidades precursoras no modelo de gestão de parceria público-privada.

Desde a inauguração do Icesp, em 6 de maio de 2008, a FFM foi a responsável pela implementação e gestão da unidade. O contrato de gestão estabelecido entre a Secretaria de Estado da Saúde e a fundação foi inovador no sentido de abranger, além da assistência, o ensino e a pesquisa. Muitos hospitais públicos já estavam sendo administrados por Organizações Sociais de Saúde (OSS) naquele momento, mas o Icesp foi o primeiro a compatibilizar metas ousadas de atendimento de alta qualidade com o ensino e a pesquisa.

O Icesp é o maior hospital especializado em tratamento de câncer da América Latina. Mensalmente, são mais de 60 mil atendimentos, em 34 especialidades. São cerca de 28,4 mil consultas ambulatoriais, 5,4 mil sessões de radioterapia, 124 mil pacientes em quimioterapia e mais de 700 cirurgias oncológicas por mês. No ano passado, a unidade contava com 48,5 mil pacientes ativos.

“O dinamismo da FFM permitiu que ela assumisse, como Organização Social, o projeto de

instalação e gestão do Instituto do Câncer do Estado de São Paulo. Além de seu papel essencial no desenvolvimento do Icesp, devemos às atividades da FFM a possibilidade de manter engajado o nosso maior capital: mais de 4.000 colaboradores alinhados à atenção humanizada ao paciente com câncer, num contexto pautado pelo ensino e pela pesquisa”, ressalta Roger Chammas, presidente do Conselho Diretor do Icesp e professor titular de oncologia na Faculdade de Medicina da USP, além de coordenador do Centro Translacional de Pesquisa em Oncologia do Icesp.

FUNDAÇÃO DE APOIO

Por força da lei complementar 1.160, de 9 de dezembro de 2011 que qualificou o Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP como autarquia de regime especial, o Icesp passou a integrar o Complexo HC-FMUSP. Dessa forma, a FFM passou a atuar na condição de Fundação de Apoio à gestão do Instituto, nos mesmos termos do modelo jurídico vigente há 30 anos para outros institutos ligados ao HC.

Mas essas alterações não diminuíram as responsabilidades da FFM perante a gestão do Icesp, cujo desafio é alavancar, ainda mais, o nível de excelência conquistado ao longo dos anos.

Hoje a FFM, em conjunto com o Conselho Diretor do Icesp, atua na contratação de funcionários para o hospital, na aquisição de equipamentos e insumos e no acompanhamento e execução financeira desses recursos.

A principal vantagem da fundação em relação à administração pública direta das unidades de Saúde é a agilidade que ela proporciona a um serviço que não pode parar. As regras são diferentes e o sistema fundacional é mais ágil em diversos sentidos como, por exemplo, a contratação e re-



posição de recursos humanos, realização de compras e investimentos em obras e equipamentos, que colaboram para a continuidade do serviço com qualidade.

O órgão máximo da Fundação Faculdade de Medicina é o Conselho Curador, formado pelo Diretor da Faculdade, Presidente da Associação dos Antigos Alunos, docentes (professores titulares e não titulares), representante dos alunos, representante dos funcionários, representantes da sociedade civil externa. A diretoria executiva da Fundação é subordinada a este Conselho.

Portanto, a fundação não é um poder superior, nem paralelo à Diretoria do Icesp, e sim de apoio.

Há ainda um Conselho Consultivo, formado por pessoas da sociedade em geral e ex-diretores da faculdade em exercício docente. Ele não é deliberativo, ou seja, não toma decisões, mas dá opinião em questões relevantes.

“Trabalhamos sempre com três visões essenciais:

Primeiro, como nos vemos? Depois, como vemos o mundo externo? E por último, como somos vistos pelo mundo externo? Quando temos controle sobre estes três pontos, seguramente a administração será eficiente”, ressalta Flavio Fava de Moraes, diretor geral da FFM.

O resultado deste trabalho, que foi iniciado há trinta anos com a criação da Fundação Faculdade de Medicina, é o excelente serviço prestado no Icesp, considerado há alguns anos consecutivos o melhor hospital público do Estado. Não se trata de um auto-elogio, pois o título é dado pelos próprios usuários da rede pública.

“Eu tenho convicção absoluta de que o êxito do Icesp está vinculado a três pilares básicos: o atendimento, que é o melhor possível; a qualidade do corpo operacional, que deve ser capacitado e sempre motivado; e a administração, sempre avançada e eficiente”, explica Fava de Moraes. ■

O DONO DA VOZ

APOSENTADO DÁ A VOLTA POR CIMA AO SUPERAR

O ALCOOLISMO, O TABAGISMO E O CÂNCER

Quem percebe a dificuldade na fala do vendedor aposentado Samuel Soares pode imaginar que isso gere obstáculos para ele se expressar e se comunicar. Ledo engano. Com a serenidade no olhar de quem sabe que o problema de dicção é apenas um grão de areia em meio ao que já passou, aos 54 anos Samuel continua olhando para o próximo e encarando a vida da melhor maneira possível. Diagnosticado em 2012 em uma consulta de rotina com câncer no palato, o popular “céu da boca”, teve que passar por uma cirurgia para retirada do tumor que acabou deixando sequelas.

Fumante por mais de 25 anos, o paulistano nascido na Bela Vista também era dependente alcoólico, dois hábitos que juntos podem aumentar em até 20 vezes as chances de uma pessoa desenvolver tumores na região da cabeça e do pescoço. Cerca de 80% dos pacientes atendidos no Icesp com esse tipo de tumor são ou já foram tabagistas.

Samuel parou de beber em 1999 com auxílio de um grupo de ajuda para dependentes alcoólicos. O cigarro ele largou logo em seguida, em 2000, mas isso não evitou que na década seguinte ele pagasse o preço dos excessos cometidos. “Aceitação – essa é a palavra mágica. Enquanto eu não aceitei que era um dependente químico, eu não procurei tratamento. Não adianta se lamen-

tar ou negar os problemas, mas sim buscar maneiras de superá-los. Ninguém é obrigado a sofrer”, afirma.

Aceitação também foi o que o motivou a superar o câncer. Contando com o apoio da esposa Maria da Penha, com quem é casado desde 2001 e tem uma filha de 13 anos, Samuel se lembra bem do exato momento em que resolveu aceitar e encarar a doença de frente, ao invés de se lamentar. “No dia em que vim pela primeira vez ao Icesp, para passar por uma triagem, após o atendimento eu sentei na saída do prédio e chorei muito, muito mesmo, mas eu senti uma voz interior falando comigo, como se fosse minha consciência, que me dizia: “Samuel, você tem uma vida pela frente ainda. Uma filha para criar, uma esposa que conta com você, levanta daí, vai se curar”, relembra.

Foram dois meses de radioterapia e quimioterapia no Icesp. Não bastasse o desgaste físico e psicológico do tratamento, após a cirurgia ele ficou mais de um ano sem conseguir se alimentar pela boca. Contando com o auxílio das equipes de fonoaudiologia e nutrição do Icesp, teve que passar por diversas sessões de reabilitação até conseguir voltar a se alimentar pela via oral. “Muita gente não acreditava que ele voltaria a se alimentar pela boca, mas ele mesmo nos fez acreditar que seria possível”, conta Elaine Buzaneli, da equipe de fonoaudiologia do Icesp e que acompanhou Samuel por



FORAM DOIS MESES DE RADIOTERAPIA E QUIMIOTERAPIA. NÃO BASTASSE O DESGASTE FÍSICO E PSICOLÓGICO DO TRATAMENTO, APÓS A CIRURGIA ELE FICOU MAIS DE UM ANO SEM CONSEGUIR SE ALIMENTAR PELA BOCA.

dois anos durante o tratamento. Ela conta ainda que ele nunca faltou a uma sessão nesse período. Samuel lembra com carinho do tratamento dos profissionais. “Tive essa grande felicidade no Icesp, pois o tratamento dos profissionais vai além da parte clínica, a gente consegue sentir o envolvimento deles, a motivação e a vontade que eles tem em nos ajudar”, ressalta.

Após o longo período sem sentir o verdadeiro sabor dos alimentos, a primeira coisa que Samuel provou foi sorvete de chocolate, o seu favorito. “Hoje em dia eu tenho voz de ator de Hollywood, ou de Pato Donald, se você quiser”, costuma brincar. Mesmo com a adversidade, ele agradece por ainda conseguir se expressar pela voz.

E é através da fala e das palavras que o paulistano retribui a segunda chance que a vida lhe deu. Após se identificar profundamente com o grupo de ajuda para alcoólicos que o ajudou a superar a dependência, Samuel se envolveu com outros dependentes, criou amizades, e hoje coordena outros 10 grupos de ajuda na cidade. Ele dá palestras, conta sua história, dá força para outras pessoas que possuem problemas com álcool, busca ajudar o próximo. “É quase uma obrigação que eu sinto. O ser humano gosta sempre de receber, mas quando precisa doar, acaba esquecendo”, afirma.

No seu tempo livre, quando não está participando das atividades dos grupos, ele gosta de escutar música em casa, principalmente MPB. Artistas como Chico Buarque, Zélia Duncan e Caetano Veloso estão entre os seus preferidos. Também coloca para tocar música clássica, que o ajuda a relaxar. Gosta de frequentar a Biblioteca Mário de Andrade, na região da Consolação. Esse seu lado “intelectual” já o motivou a estudar sociologia, literatura e um pouco de latim. E é puxando para a língua dos antigos romanos que ele dá mais uma lição de como encarar a vida. “O ânimo é fundamental para uma pessoa que tem câncer, que precisa passar por esse tipo de tratamento desgastante. E a palavra ‘ânimo’, conforme seu significado do latim, vem da palavra ‘animus’, que remete a ‘alma’. Elas tem a mesma origem. Então, uma pessoa sem ânimo, é uma pessoa sem alma”, conclui.

E é com esse ânimo para encarar os obstáculos e adversidades que o destino lhe impôs que ele continua criando motivação para encarar a vida, venha ela como vier. Em vez de sempre enxergar o lado negativo, assim como eu, você e o próprio Samuel já fizemos, talvez seja melhor prestar atenção na lição que ele tirou de tudo que passou: “A gente fica se lamentando pelo que perdeu ou deixou de ganhar, mas se esquece de agradecer e aproveitar o que tem”, finaliza. ■



Creme de batata-doce com alho-poró

Minimiza os sintomas: radioiodoterapia, feridas na boca e boca seca



Rendimento: 4 porções de 340 ml
Calorias: 131 kcal por porção

MODO DE PREPARO

- 1 • Limpe o alho-poró, corte a parte branca em rodelas finas e reserve. Lave as folhas verdes externas e corte ao meio.
- 2 • Lave a batata-doce, descasque e pique em pedaços médios. Coloque numa panela com a cebola, a água e cubra com as folhas de alho-poró cozinhando até a batata ficar bem macia.
- 3 • Retire do fogo, despreze as folhas de alho-poró e aguarde amornar.
- 4 • Bata no liquidificador até obter um creme homogêneo. Reserve.
- 5 • Refogue o alho-poró picado na margarina, por 3 minutos, ou até ficar *al dente*.
- 6 • Incorpore o creme de batata-doce e acrescente cebolinha-verde e sal.
- 7 • Assim que ferver, retire do fogo e sirva.



Abrace o Icesp e ajude o Instituto a continuar avançando. Os recursos captados são revertidos para o combate ao câncer, englobando ações como expansão da prestação de serviços médicos-assistenciais, promoção de informações, pesquisa e tratamento.



VOCÊ PODE FAZER A SUA DOAÇÃO
ONLINE EM NOSSO SITE.



 www.doaricesp.org.br
 doar@icesp.org.br
 (11) 3893.3030



INSTITUTO DO
CÂNCER
DO ESTADO DE
SÃO PAULO
OCTAVIO FRIAS DE OLIVEIRA